

A CIVILIZAÇÃO CHINESA

Grandes Civilizações Desaparecidas

Marcel Granet

Editora: Editions Ferni

(Adaptação – Iuri Arantes Cruz)

Quando os Hia se perverteram, os Yin destituíram-nos, substituindo-os. Os Tcheou, enfim, eliminaram os Yin quando estes se tornavam prejudiciais. O poder de toda a dinastia resulta de uma virtude ou de um Prestígio que passa por uma época de plenitude, declina e, depois de uma ressurreição efêmera, esgota-se e se extingue.

Uma família só pode fornecer Reis, Filhos do Céu à China durante o período em que o Céu lhe outorga uma investidura. Toda dinastia que conserva o poder quando sua época terminou, não possuiu mais do que uma autoridade de fato. Os fundadores da dinastia, cujo tempo chegou, cumprem uma missão celeste, suprimindo a Dinastia prescrita, que se tornou maléfica, sua vitória é a prova de que o Céu lhes confiou seu mandato, diretor do povo, preposto na agricultura.

Enfim, o nascimento de cada um dos três Ancestrais dinásticos foi miraculoso. Os últimos soberanos de uma linhagem são, essencialmente, tiranos e rebeldes. A virtude real é obtida pela obediência às ordens celestes. A história das Três Dinastias não é mais do que uma ilustração tríplice desse princípio.

OS HIA

Como senhores que se dirigem a reuniões da corte. YU era ativo, serviçal, capaz, diligente... limitava seus trajes e seu alimento, mas mostravam um respeito extremo pelas forças divinas; tinha uma morada humilde, mas fazia grandes despesas com as valas e os canais.

Sua voz era o padrão dos sons, seu corpo, o padrão das medidas de comprimento, colocou em ordem perfeita os seis domínios da Natureza, Yu, o Grande, só teve que reinar, seu papel então, como o de todo soberano, foi apresentar um ministro ao Céu. Foi assim estabelecido o princípio da hereditariedade dinástica e fundada a casa real dos Hia.

Kei era um tirano ele aterrorizou as Cem Famílias. “ele amou o luxo, ele se entregou as orgias com as cativas traduzidas em suas expedições, matou os vassallos que o censuravam, livrou-se de sua esposa principal e prendeu numa torre o mais virtuoso de seus feudatários.

OSYIN

Suas virtudes estendiam-se até os pássaros e os quadrúpedes que tivessem muita vida, ele também atraía os Sábios, ele conseguiu ter um ministro como Yi Yin, que conhecia os alimentos próprios para um soberano e sabia discorrer sobre as Virtudes reais. Sua vitória serviu para “pacificar o Interior dos Mares”. Sua força era sobre-humana. Com a mão, ele derrubava animais furiosos. Seu saber permitia-lhe contradizer as admoestações... Ele intimidava seus oficiais com sua capacidade. Ele se elevou muito no Império com sua fama e fez com que todos ficassem na sua dependência. Uma mulher virou homem.

OS TCHEOU

Ao contrário, ele sacrificou uma parte de seus domínios para que fosse suprimido o odioso suplício da trave. Ele fez o bem em segredo, os lavradores, no que se refere aos limites dos campos, cediam-nos uns para os outros e todos os cediam-nos uns para os outros e todos os cediam aos anciãos. Mudou as regras e as medidas e determinou o primeiro dia do primeiro mês. Executar respeitosamente o castigo celeste, exercia sua crueldade nas Cem Famílias. A virtude real tinha declinado.

Ele ficou celebre, sobretudo, por uma grande viagem que fez no Extremo Ocidente. Esta viagem surge, na tradição literária, ora como uma caminhada extática, ora como uma série de peregrinações a diversos Lugares Santos. A tradição histórica apresenta-a como uma expedição militar, condenando-a por isto. Ela repreende longamente um vassalo sábio. Seu tema é que não se deve tentar castigar pelas armas os vassalos ou os bárbaros que não trazem nenhum tributo para os sacrifícios reais. O único remédio, neste caso, não é enviar o povo para sofrer em regiões longínquas, mas “exercer sua virtude”.

O IMPERADOR

Eles pretendiam pôr fim à época da tirania. Entretanto, pretendendo aparecer como restauradores e não como renovadores, eles se esforçaram para incorporar à noção de Filhos do Céu, os elementos construtivos do conceito de Majestade. Ajudados pelo sábio esforço dos letrados, que, sob seu reinado e em seu benefício, reconstituíram a antiguidade da China, chegaram a fazer aceitar a nova concepção de Majestade imperial, apresentando-a como um atributo antigo dos Filhos do Céu, sábios autores da civilização nacional.

Estes reis, com efeito, não desempenharam nenhum papel político desde a época em que se inicia a história chinesa. Em nenhum momento da época mostram-nos um rei *Tcheu* exercendo uma autoridade religiosa que lhe

seja própria. As crônicas deixam entrever certos traços de uma autoridade moral que parece mais peculiar ao suserano.

A tradição ritual diz que eles sempre agiram por conta do rei; os ancestrais e o Solo são associados ao triunfo, mas o Céu também o é e mais do que qualquer outra divindade, pois o Céu é o deus dos juramentos. Ele é o deus dos tratados, o deus das reuniões interfeudais: é a única divindade comum e nacional.

Na época *tch'ouen ts'ieou*, em todo caso, os diversos domínios não empregavam um sistema único de calendário. As datas das crônicas são indicadas segundo o calendário real, graças à intervenção devotada dos historiadores da era imperial.

O próprio *Tcheou li* admite que a rainha é a única que é capaz de conservar a vida nas sementes, provam, pelo menos, que estes aceitaram o princípio de um dualismo religioso. É difícil de acreditar que eles tenham inventado tudo; o imperador Wou, apresentado como o criador do culto da terra Soberana, é um dos monarcas chineses que mais sentiriam os perigos que o dualismo político, apoiado no dualismo religioso, oferecia ao Estado, concedendo muito prestígio às imperatrizes e muita autoridade às viúvas reais.

É muito possível que todo o trabalho de reforma monetária, que foi a grande realização do reinado, esteja em conexão com esta reforma dinástica das medidas. Este poder, por outro lado, em virtude de sua própria natureza, acarreta, para o soberano, como para o feudatário, uma vida regulada pela etiqueta e pela tradição. O chefe, então, só pode agir delegando sua autoridade e distribuindo uma parte de seu prestígio. Ele só reina com a condição de não governar.

A história da dinastia *Han* mostra, na verdade, o poder dos marechais crescendo sem parar.

AS ÉPOCAS SEM CRONOLOGIA

Dois sistemas cronológicos dividem a preferência dos historiadores. Um deles, adotado e aperfeiçoado por Pan Kou, o historiador dos primeiros Han, coloca a ascensão ao trono dos Tcheou em 1122. Segundo o outro, a vitória do rei Wou sobre os Yin foi alcançada em 1050 e o rei Tch'eng, sucessor de Wou, subiu ao trono em 1044.

	I	II
Yao.....	2357-2256	2145-2043
Regência de Chouen.....	2285-2256	
Chouen.....	2255-2206	2042-1990
Regência de Yu	2223-2206	
Disnatia Hia...	<div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="font-size: 2em; margin-right: 10px;">{</div> <div style="text-align: center;"> 2205-1767 17 reis = 439 anos </div> </div>	<div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="font-size: 2em; margin-right: 10px;">{</div> <div style="text-align: center;"> 1989-1558. 17 reis = 432 anos [ou (Anais) 471 anos] </div> </div>
Disnatia Yin...	<div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="font-size: 2em; margin-right: 10px;">{</div> <div style="text-align: center;"> 1766-1123 28 reis = 644 anos </div> </div>	<div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="font-size: 2em; margin-right: 10px;">{</div> <div style="text-align: center;"> 1557-1050 30 reis = 507 anos [ou (Anais) 496 anos] </div> </div>
Subida ao trono dos Tcheou ..	1122	1049
Rei Wou.....	1122-1116	1049-1045
Rei Tch'eng.....	1115-1079	1044-1008
.....		
Rei Li	878-842	853-842
Época Kong-ho ..	841-828	841-828
Rei Siuan.....	827-782	827-782
.....		
Confúcio.....	551- 479	551 - 479

Segundo uma teoria antiga, a vida de um sábio dura cem anos; é aos cinquenta anos que o sábio está em plena posse de seus talentos. Este inventário nos ensina que os Anais começaram com a dinastia Hia e que atribuíam aos Hia mais duração do que os Yin. Yu, o Grande, matou Yi, ministro e sucessor designado por seu pai, para que lhe arrebatasse o trono. Essa afirmação era comunitária à tradição canônica segundo a qual K'i é um santo e que faz Yi morrer de modo honroso.

A tradição ritual o exige, uma lei difundida uniforme em tudo o que devia formar o Império Chinês. Um eclipse do sol é mencionado num dos capítulos do Chu King, que está, entre os mais suspeitos e cuja redação é, plausivelmente, muito posterior à data em que os Anais foram enterrados. Esses trabalhos inspiravam-se na ideia de que a tradição canônica não pode se enganar.

Na verdade, todos os dois são compostos com a ajuda de temas míticos transpostos, e os anais dos Yin não são menos desprovidos de fatos do que os dos Hia. Ainda, parece que esses argumentos são conhecidos, não pela tradição em uso nesta corte, mais pela seguida, segundo os eruditos do Chan-tong, pelos príncipes de Lou (Chan-tong).

Toda a história da China antiga repousa num sistema de falsidade, ao mesmo tempo ingênuas e eruditas. Mais isto mesmo implica que suas tradições merecem um certo tipo de crédito. Esta era o princípio da vida política e religiosa.

ANEXO 1

Os Chineses, fazendo remontar sua história ao terceiro milênio antes de nossa era, talvez reclamem uma antiguidade muito moderada. Sua língua, por mais remotamente que a tomemos, surge como uma língua usada. As tradições chinesas conservam, portanto, a lembrança de transformações sociais que não se produziram em poucos anos.

Não há nenhum pormenor que se refira às Três Dinastias que possa ser aceito como um fato histórico. O povo chinês é originário de misturas múltiplas

e, certamente, há muitos tipos para se descobrir na nação chinesa, cujo estudo antropológico está apenas esboçado.

Será suficiente notar que esta passagem das Memórias históricas segue, a título de ilustração, o enunciado de um princípio de astrologia mitológica: o lado do Leste (Levante = Primavera) é aquela em que os seres começam e nascem; o lado do Oeste é aquele em que os seres se completam e atingem a maturidade (Poente = Outono). Mas ele prefere insistir em certas diferenças que observa entre os instrumentos de trabalho dos depósitos de Manchúria e aqueles dos depósitos de Kan-su.

Enquanto não se estudar com precisão os restos humanos, para definir os caracteres somatológicos das populações conhecidas hoje por alguns detalhes de sua técnica, seria prudente abster-se de qualquer hipótese, não transpor um problema da história tecnológica para um problema de história etnográfica e, sobretudo, não fazer intervir cedo demais, como a questão das migrações e das conquistas, um problema de história propriamente dita.

Pode-se observar, simplesmente, que há interesse em não misturar os problemas que concernem à arqueologia pré-histórica com os que se referem à epigrafia. Pode-se notar ainda: 1.º - que os ossos de Ho-nan, se datam dos Yin, são, no máximo, do fim da dinastia; 2.º - que há uma boa parte de apreciação subjetiva na comparação de um caráter e do objeto que ele representa; 3.º - que as classificações cronológicas de caracteres não oferecem mais garantias do que as classificações dos objetos em que eles se encontram: essas classificações baseiam-se apenas nas impressões de colecionadores.

Sempre reina a maior fantasia do domínio das etimologias gráficas. As que são propostas pelos eruditos autóctones (e são estas as mais serias) derivam, em grande parte, das suas crenças ou de suas teorias arqueológicas.

Os trabalhos sobre a língua chinesa são, agora, inspirados por um espírito mais positivo que os estudos sobre a escrita. A linguística chinesa, nascida há cerca de 20 anos, já fez grande progresso. O chinês não surge mais como uma língua isolada e misteriosa. Ela se integra numa família bem definida, da qual parecem fazer parte o tibetano, o birmanês e, talvez, o tai. O tai e o

chinês formando o primeiro grupo linguístico, enquanto que o birmanês e o tibetano formariam um segundo grupo.

A classificação, em todo caso, só pode ser proposta a título provisório. Certamente haveria um absoluto em nela se basear para tentar explicar as crenças religiosas antigas, com o auxílio de fatos tomados, unicamente, nas populações tai. Seria, ainda, mais imprudente apoiar-se nela para descrever as migrações dos tai repelidos para o sul pelos chineses.

O problema das origens chinesas continua inteiro. Poucas esperanças advêm do estudo dos textos, mas pode-se esperar muito da arqueologia e, sobretudo, da arqueologia pré-histórica. É de se desejar que as escavações se inspirem, de agora em diante, em preocupações unicamente científicas e que sejam abandonados todos os preconceitos que dominam, ainda, as interpretações.

Até então, a história da China teria sido feita unicamente pelos Chineses. Não há nenhuma razão para se acreditar que a raça chinesa não esteja no mesmo local, desde uma antiguidade muito remota. Não há, inversamente, nenhuma razão para se achar que a china tenha conhecido menos invasões e sofrido menos influências na antiguidade do que nos tempos modernos.

É possível que as levas de povoamento procedentes do Oeste, pelo Norte e pelo Sul, tenham desempenhados um grande papel na história da China antiga.

Quando as rivalidades entre confrarias ricas de segredos técnicos e de novos prestígios dominam as justas aldeias, onde se defrontam os sexos concorrentes, criam-se as autoridades masculinos e, entre elas, esboça-se uma hierarquia instável.

Heróis místicos *Chouen* era lavrador, pescador, oleiro e “no fim de um ano, no local em que residia, formava-se uma aldeia, um burgo, no final de dois anos, no fim de três anos uma cidade. O *Chou King* deixou entrever, vagamente, o aspecto dos discursos, quando se preocupava conquistar o poder, fingido cedê-lo

‘Gênios’ aqui se refere à característica da personalidade; penetrados de Yin ou Yang, animados pelo espírito da terra ou pelo espírito do Céu, destros ou sinistros, gordos ou magros ou altos, de ventre amplo ou costas fortes, mantendo, solidamente, na terra seus vastos pés ou estendendo para o céu sua cabeça redonda, os candidatos obtêm o poder, unicamente, quando sua essência responde às necessidades alternadas na Natureza e que seu corpo pode servir de medida-padrão para a ordem que, no momento, se impõe.

O soberano possuía a Virtude do Céu, Ministro, a Virtude da Terra. Fazendo com que podem-se dizer onde a organização tripartida da sociedade é sempre denominada pelo dualismo, sendo eles, Kouen, pai de Yu o grande.

Calendário: o texto traz consigo paradigmas e fragmentos da história, esta palavra remete não há estações do ano, sim ao período em que houve desordem na Terra e Céu por possuir o trono por linhagem sanguínea e não por mérito. Assim Chouen e de ter subjugado Três Miao, este ser alado que parece ter sido o culpado de trazer a desordem para o calendário. Jang: quer dizer banir; ceder. Ministro: Três duques.

Primos cruzados - no qual devem reaparecer todas as virtudes do avô, com efeito, uma mesma palavra designa o tio materno e o sogro; por outro lado, um homem chama pelo mesmo nome de seu sobrinho uterino e seu genro. *Kieou; Cheng.* Mas onde os casamentos continuavam a se fazer entre primos nascidos de irmãos e irmãs do qual ele era no outro sistema, o continuador, com a exclusão do filho, outrora, plenamente qualificado para receber a herança o neto **AGNÁTICO** – Etiologia da prática de vida dos quais cometem incesto e não são monoteístas.

Na história dos fundadores da dinastia real, vê-se que filhos sucede o ministro é sacrificado - considerando-se as regras da antiga civilização que separava, outrora, ao lado do soberano, a tomar, por sua vez, a autoridade suprema. A história afirma mesmo quando o princípio agnático foi adotado, a família indivisível. Ela foi submetida a uma autoridade no sentido mais forte do termo, ela começou a tomar a forma patriarcal somente quando se reconhece, enfim, o privilégio da primogenitura.

A abdicação do chefe abre para ele um período de retiro, cuja duração teórica é de trinta anos.

Yu, o fundador da primeira linhagem real, tinha cedido o poder a Yi, seu ministro. Quando Yu, o Grand, morreu e o luto de três anos terminou, Yi, o ministro, cedeu o poder a K'i, filho de Yu. K'i tomou o poder e Yi precisou sair da capital. Luto que, em teoria, dura três anos - sendo que os três primeiros meses são mais difíceis do recolhimento.

O tempo do luto é, também, tomado por uma longa justa na qual se opõem o ministro e o filho, todos os dois disputando a virtude e procurando saírem vitoriosos da prova. Durante o período feudal, cada família possuía um intendente, espécie de ministro doméstico, alter ego do chefe da família.

O enterro definitivo marca o fim das observâncias mais severas do luto. O morto descarna-se entre seus parentes. Estes, enquanto dura o período em que se dissipa a impureza mortuária, devem participar, de todas as maneiras, do estado do morto.

Quando morreu Yi, o Grande Arqueiro, príncipe de *Kiong*, fez-se cozinhar sua carne, que foi dada a seus filhos para que a comessem. Os filhos não puderam suportar a ideia de comer seu pai. Por isso foram mortos nas portas de *Kiong*. Purificar os ossos do defunto e, para encerrar o luto.

O endocanibalismo que permite a uma família conservar sua integridade substancial, é um dever muito simples do respeito doméstico. Quem o cumpre, presta-se a uma comunhão pura, o canibalismo trona-se, pelo contrário, um ato de fé e um ato de orgulho. O herói capaz de comer a carne de quem não é seu parente, demonstra Virtude ambiciosa que não recua diante das incorporações e dos excessos; percebendo porque não têm coragem de beber o caldo feito com o cadáver de seu pai.

O SOBERANO AUTOCRATA

Tiraram seus tesouros das minas e das salinas, dos pântanos e dos bosques, das fronteiras que tomaram dos bárbaros e dos terrenos incultos que cultivar. Enquanto os americanos, fazem circular as riquezas. Viu-se, então, que se esboça a noção de um poder de ordem superior que pertence ao príncipe como chefe de Estado.

Nas capitais suntuosas dos Reinos, os vassallos se perdem na multidão de aventureiros vindo de longe, refeitos, remédio, astrólogos, filósofos, espadachins, dialéticos, histriões, juristas, cada qual se tornando o favorito do dia, com sua receita do poder.

O prestígio por ele procurando não parece emanar da observância das proibições costumeira ou da obtenção regular dos sacramentos tradicionais. Acolhem desconhecidos, depositários de novas ciências, que lhe prometem êxitos ilimitados. Confiam, sua sorte a um destes técnicos de saber mágico.

Se parece verdadeiro que o último período dos tempos feudais foi marcado por competições furiosas em que, lutando com riquezas acrescidas e magias novas, alguns príncipes conquistaram a posição de potentados e o nome de tiranos, os fatos também mostram que, no início da época feudal, o prestígio necessário ao chefe era adquirido nos torneios onde encontravam em jogo técnicas e valores que não eram unicamente de natureza tradicional, embora todos fossem de ordem mística.

Estas afirmações não estão desprovidas de verdade, mas com a condição de se eliminar tudo aquilo que constitui um julgamento de valor e tudo o que julga antecipadamente a uma ordem histórica. Se o aventureiro feliz chegou a aparecer como imperador, foi porque soube utilizar uma corrente mística, que era uma corrente popular e uma corrente profunda.

O soberano, deixando de discutir os assuntos, tomava as decisões sozinho em seu palácio murado. Desde então, tendo feito o necessário para entrar em comunicação direta com estes 'Homens Verdadeiros', que são os Gênios, designou-se, não mais pela palavra *tchen*, mas pela expressão 'Homem

Verdadeiro', para evitar que o perturbassem com 'discursos maus' e para não 'mostrar suas imperfeições', resolveu ficar confinado em seus aposentos privados.

Protegido, por seu isolamento, dos contatos que maculam, como de todo desperdício de energia, o soberano autocrata é, se assim posso dizer, como que uma concretização do Universo que envolve, no grande seio do Universo, uma série de Universos encaixados: estes vão se concretando à medida em que se aproximam do dominador universal.

O imperado *Wou* não se submeteu ao confinamento com a vontade disciplinada dos soberanos *ts'in*, mas despendia muito para fazer o seu palácio uma concentração esplêndida do Universo. Todos os animais do ar, da água, e da terra comprimiam-se em seus viveiros e em seus parques. Nenhuma espécie faltava em seu jardim botânico; as ondas de seus lagos quebravam-se nas terras longínquas onde se encontravam as ilhas misteriosas dos Imortais; colocados em altas colunas, os gênios de bronze recolhiam para ele o orvalho puro, ali onde a poeira do mundo não pode alcançar.

Chão-Wong - se um hóspede, pudesse construir carros onde estavam incorporadas as emanções vitoriosas que afastavam os gênios maus e terraços onde se podia habitar no meio de todas as forças divinas, figuradas em pinturas. Ele se absteve de beber e de comer, viveu em purificações para poder se apresentar, ali, a feiticeira da Princesa dos Espíritos atraía os deuses e cujas palavras eram registradas para construir a complicação das "Leis Escritas".

A sorte do mago favorito difere da sorte do mais íntimo vassalo, unicamente porque os prazos marcados para seu bom êxito não dependem de datas rituais, mas da boa disposição do Senhor. Somente, antes de se tornar o emissário sobre o qual se voltam todos os riscos da desgraça, um artífice da imortalidade sabe fazer derivar sobre a pessoa imperial favores muito mais esplêndidos e bem mais íntimos do que aqueles que um chefe pode adquirir presidindo, na frente de seus vassalos, ao culto tradicional. Graças às formulas de seus magos, o imperador toma o aspecto de um gênio, isto é, realiza em si mesmo o máximo de tudo o que é possível a um ser humano.

Seria indiscreto perguntar-se se os imperadores, como os ascetas, chegaram a experimentar a embriaguez dos folguedos mágicos de outra maneira, além de tê-los ouvido cantar pelos poetas encarregados das baladas oficiais ou de tê-los vistos representar nessas apoteoses da ópera, em que figuravam inúmeros prestidigitadores e bailarinas.

A vontade imperial subentende o Império inteiro e o Império e o mundo não existem senão para contar a glória do Autocrata.

A DOCTRINA CONSTITUCIONAL

Na época das tiranias, os legisladores, utilizando a noção da Majestade, mas interpretando o mal a doutrina mística, tentaram instaurar uma certa ideia de Estado. Na atribuição do suserano, chefe de guerra e chefe de paz, estava incluído um vago poder de julgar, em terras novas conquistadas dos Bárbaros e da natureza, terras novas conquistadas aos costumes feudais e formavam um domínio privados, os tiranos, impondo seus regulamentos, tomavam a aparência de legislador.

No mundo onde viviam os legisladores e onde reinava, com o espírito militar, o gosto das novidades, a autoridade do príncipe pareceu se exprimir, antes de tudo, pela promulgação de um código penal, com a ideia de lei opondo-se estritamente à ideia do costume, e se aliando à crença de que a civilização se impõe pela força.

Foi chamado de tirano porque queria “oprimir o povo” com o auxílio da magia e porque aplicava os princípios dos legisladores, primeiros serviços dos direitos do Estado. Confundindo a prática administrativa com uma simples pesquisa dos poderes majestáticos, faziam a lei repousar no arbítrio do déspota.

Os *Han* tiveram, pois, que procurar, independentemente de uma ideia de Estado identificada com a vontade onipotente de um déspota, uma justificativa para a ingerência presumida pela menor das técnicas administrativas. Nesta

concepção, a ideia de Majestade própria ao Soberano não se acha ausente, mas transposta: passa do plano místico ao plano moral.

Evidentemente, ela não justifica nem uma dominação despótica, nem mesmo uma utilização do poder voltada para fins pessoais. Quando a ordem do Império é perturbada, a mim somente, o Homem Único, e talvez às duas ou três pessoas que têm em mãos a administração e que são como minhas pernas e meus braços.

Um sistema de promoções e anistias periódicas substitui, pois, o sistema repressivo adotado pelos Ts'in. No decreto de 178, o imperador Wen ordena a todos que “reflitam a respeito das faltas que ele pôde cometer, das imperfeições de seu discernimento, de sua visão, de suas opiniões” e que “as declarem francamente”.

Desde então, a função administrativa soberana, em si mesma, parecem se reduzir a uma obra de ensino. O imperador não é mais o mestre que transmuda as coisas e os seres, sem nada revelar de sua fórmula maravilhosa. A pregação imperial substitui, com a mesma eficácia, a fórmula mística. Um senhor ou um suserano ensinavam, a seus súditos imediatos, a arte de viver nobremente.

TODAS ESSAS HISTÓRIA NOS CHEGARAM SOB UMA FORMA SISTEMÁTICA. É IMPOSSÍVEL ACREDITAR HOJE QUE OS HISTORIADORES CHINESES “NÃO ALTERARAM OS TEXTOS ORIGINAIS”, E É PRECISO RECONHECER, NO SISTEMA QUE ELAS CROSNTUIRAM BOA PARTE DE TEORIA.

Até pelo fato de que a visão crua, ou seja, visualizar e descrever aquilo que se vê é ainda hoje para eles um advindo novo, onde outrora o que prevaleceria era somente os fatos que era imposto por gerações, sendo assim a tradição era transpassada de forma cultural, toda a história aqui postergada é correlativamente uma fato que se deve pelo poder de transposição de época em época, passado de pai para filho e assim por diante, mas cabe salientar que o fator de posicionamento sobre a cultura tradicional da China em suma é transformada em teorias, sendo elas equivalente à seus períodos, nos quais estes está mencionado na administração do andamento do texto, em que se

deve pôr em questão a ignorância humana que vivíamos antes das tecnologias.
[grifo particular].

Este texto é uma adaptação e fichamento de partes do enorme livro, que tem, como literatura “proibida” para leigos para não replicação de alguns rituais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

GRANET, Marcel - A Civilização Chinesa 1 - Grandes Civilizações Desaparecidas, Editora: Editions Ferni - págs: 34 – 46; 92 – 121. Biblioteca Fac. História Direito e S. Social Franca – 4217, TOMBO 101104217.

GRANET, Marcel - A Civilização Chinesa 2 - Grandes Civilizações Desaparecidas, Editora: Editions Ferni – págs: 48 – 65; 287 – 321. Biblioteca Fac. História Direito e S. Social Franca - 29170, TOMBO 1001029170.

